

## Traduzir roteiro cinematográfico: *Se souvenir des belles choses* (2002) de Zabou Breitman<sup>1</sup>

Rafaela Moreira dos Santos\*  
Dennys da Silva Reis\*

RESUMO: Tendo em vista as escassas pesquisas no âmbito da tradução de roteiro, o presente artigo visa discutir e apresentar as dificuldades arroladas no processo de tradução desse aparato cinematográfico, bem como propor um novo olhar para essa desconhecida atividade. Para tal finalidade, apresenta-se tradução do roteiro *Se souvenir des belles choses* (2002) de Zabou Breitman e algumas reflexões desenvolvidas a partir da análise desta tradução.

Palavras-chave: Tradução de roteiro, Roteiro cinematográfico, Prática de Tradução.

### Introito

No âmbito das pesquisas acadêmicas sobre tradução, as publicações que dizem respeito à literatura e ao cinema estão concentradas na maioria das vezes nas discussões comparatistas entre texto literário e obra fílmica ou em práticas de legendagem, dublagem e tradução audiovisual, todas dentro do campo da tradução de multimídia ou dos estudos comparados. Pouco se conhece sobre a tradução de roteiro e, conseqüentemente, as discussões, artigos ou teorizações sobre o assunto são raros.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma extensão da monografia *Traduzindo a sétima arte: O roteiro de “Se souvenir des belles choses”* apresentada junto ao curso de Letras-Tradução-Francês, no Departamento de Tradução e Línguas Estrangeiras da Universidade de Brasília em janeiro de 2011.

\* Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília. E-mail: reisdennys@gmail.com

\* Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília. E-mail: rafaelams17@gmail.com

Tal lacuna também existe no que diz respeito ao reconhecimento dessa prática como atividade profissional. Ao tomar por base o atual quadro de *Valores de referência praticados a partir de janeiro de 2013* no mercado de tradução pelo Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA)<sup>2</sup>, verificamos que, dentre as várias modalidades de tradução existentes, não há nenhuma referência à tradução de roteiro no rol elencado no quadro de *Tradução de multimídias*. Ela é mencionada somente como texto-meio para outros tipos de tradução, como a *transcrição de áudio* por meio da utilização do roteiro, por exemplo. Não existe, portanto, referência a uma atividade profissional de tradutor de roteiro.

Este artigo teve sua origem no projeto de conclusão de curso de bacharelado em Letras-Tradução-Francês da Universidade de Brasília, das estudantes Paola Tavares e Rafaela Moreira, cujo objeto era discutir o processo de tradução do roteiro cinematográfico *Se souvenir des belles choses* (2002) de Zabou Breitman. Porém, novos desdobramentos foram traçados e objetivamos, agora, outra abordagem: conhecer os fundamentos da tradução de roteiro.

Visamos apresentar uma modalidade de tradução que ainda é muito desconhecida, tanto pelo público consumidor de filmes quanto pelos pesquisadores acadêmicos de áreas afins. Partimos da reflexão sobre uma experiência real da tradução de roteiro, assim como da discussão das problemáticas levantadas por essa atividade. E, por isso, busca-se compreender primeiramente o que é ou como se compõe um roteiro.

## 1. O roteiro cinematográfico

Podemos definir o roteiro de diferentes formas, a mais sucinta dessas definições sendo a seguinte: o roteiro é a forma escrita de qualquer projeto audiovisual (COMPARATO, 2009, p.27). Porém, essa definição ainda é muito ampla, pois o termo audiovisual pode abarcar vários campos, dentre eles o teatro, a televisão, o cinema, etc. Aqui, trataremos apenas do roteiro cinematográfico.

---

<sup>2</sup> *Quadro de valores de tradução do SINTRA*. Disponível em: <<http://www.sintra.org.br/site/index.php?p=c&pag=precos>>. Acesso em: 24 janeiro de 2013

De acordo com Field (1994), em seu livro *Manual do roteiro*, o roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática, com início, meio e fim. O roteiro é um texto que resulta do desenvolvimento do argumento de um filme e que vem dividido em planos, sequências e cenas, com as devidas rubricas técnicas e todos os diálogos. Ou seja, é um texto que abrange uma linguagem específica justamente para facilitar a compreensão daqueles que produzirão um filme.

Nas definições de roteiro cinematográfico encontram-se destacadas especificidades do seu texto: combinação de palavras, construção de imagem, sonoridade, tempo, entre outros. A sua estrutura faz referência a códigos distintos que, no produto final, comunicam a mensagem de maneira simultânea ou alternada. No entanto, o roteiro como objeto de estudo caracteriza-se como um texto com finalidade específica, que tem um público leitor determinado, composto pelo próprio roteirista, pelo diretor do filme, pelos atores e, também, pelo tradutor.

Discordamos de Bonitzer e Carrière (1996) quando pressupõem um único leitor fiel para o roteiro - “só o diretor cinematográfico, que contribuiu com frequência para a composição do objeto, vai lê-lo totalmente [...]”, pois o seu caráter efêmero não o exime de outras possibilidades de leitura, que não se limitam somente aos diretores cinematográficos e atores, por exemplo. Existe outro sujeito leitor desse texto ‘passageiro’ que está presente em poucas discussões sobre o assunto: o tradutor de roteiro.

Quanto à elaboração do roteiro, ela nem sempre é feita em função da encomenda de um produtor. A tarefa da escrita é desenvolvida geralmente pelo roteirista, por iniciativa própria, quer se trate de uma ideia original ou da adaptação de uma obra já existente em que ele trabalha sem contrato e correndo o risco de que o filme não seja realizado. O roteirista é muito mais que um escritor, porque ele não só escreve como também trama, narra e descreve (BONITZER;CARRIERE, 1996).

### **1.1. A estrutura do roteiro**

O roteiro é feito com a finalidade de vender a ideia de um filme para um possível produtor. Este, ao lê-lo pela primeira vez, muitas vezes necessita de esclarecimentos ou descrições dos fatos para uma melhor compreensão do desenrolar das cenas.

A narrativa tem que descrever as imagens que constituirão a produção com a maior riqueza de detalhes possíveis, para que esse leitor possa recriá-la em sua imaginação e assim se interessar em tirar a ideia do papel e colocá-la na telona. No entanto, segundo Jean-Claude Carrière e Pascal Bonitzer, o roteiro tem diferentes propósitos para diferentes cargos:

Objetivo efêmero: o roteiro não é concebido para perdurar, mas para se apagar, para tornar-se outro. Objeto paradoxal: de todas as coisas escritas, o roteiro é a que contará com o menor número de leitores, talvez uma centena, e cada um desses buscará nele o seu próprio alimento: o autor, um papel; o produtor, um sucesso; o diretor de produção, um percurso inteiramente traçado para a fixação de um plano de trabalho (1996, p. 11).

Tendo em vista que o roteiro, por ser escrito, configura-se como um objeto literário, o roteirista seria, então, um “escritor de cinema”. Porém, ele não exerce somente este papel, ele é, por necessidade, um cineasta também. Ele precisa desenvolver uma história não para ser lida, mas para ser visualizada por um público específico e restrito. Ele atua na criação e construção do imaginário do produtor, aquele que concretizará a realização do filme. Ao escrever, o roteirista transmite através das palavras e das construções sintáticas a sensibilidade de sentir, ouvir e imaginar. Ou seja, há uma “pré-percepção” das cenas ou, para sermos mais exatas: uma “pré-visualização” delas.

A sua estrutura, originalmente, é comum a todas as outras histórias. Segundo Field,

Se o roteiro é uma história contada em imagens, então o que todas as histórias têm em comum? Um início, um meio e um fim, ainda que nem sempre nessa ordem. Esta estrutura linear básica é a forma do roteiro.  
[...] Esse é o paradigma da estrutura dramática. (FIELD, 1994, p. 3)

Ou seja, todo roteiro tem uma sequência linear construída por meio de um foco narrativo, personagens, ações, tempo, lugares dentre outros elementos de narração. Em especial, o roteiro é constituído pelos diálogos dos personagens e pela narração direta de ações, tempo e lugar; estes dois elementos são no roteiro os signos verbais e não-verbais.

Os signos verbais são as falas dos personagens; os não-verbais são a expressão corporal, a aparência externa dos atores, o espaço para a encenação e o som não falado. Vejamos abaixo algumas especificidades:

### **1.1.1 Diálogos**

Os diálogos são os signos verbais num roteiro. E busca-se neles a aproximação ao máximo à forma como os personagens falariam na vida real. No caso da tradução, surge uma problemática neste tópico: devemos priorizar a cultura do público alvo, ou mantemos a cultura fonte?

Esta problemática só pode ser resolvida pelo diretor ou por quem solicitou a tradução do roteiro, mas vamos considerar que essa escolha seja feita pelo tradutor. quando opta por adaptar o roteiro para a cultura de chegada, ele deve praticamente recriar o texto - já que a maneira de falarmos ou as piadas que contamos definem em grande parte nossa cultura, adaptando assim o texto ao futuro leitor - ; deve relocar a história, mudar os nomes dos personagens, etc. - facilitando assim a identificação do público com a obra.

No âmbito do roteiro, os diálogos são fundamentais, pois são neles que a narrativa ganha vida. São nas falas que os problemas dos personagens, foco da obra, são percebidos pelo público. Os diálogos cinematográficos devem ser extremamente “realistas”, uma vez que serão interpretados pelos atores. Cabe lembrar aqui que os diálogos cinematográficos são uma oralidade fingida (SINNER, 2012), visto que tentam imitar a realidade, mas não acontecem, de fato, no âmbito real.

### **1.1.2 Narrativa direta**

A narrativa direta é formada pelos signos não-verbais, ou seja, a descrição dos espaços, a aparência física dos personagens, a forma como eles agem, enfim, tudo que não é fala.

Essa narrativa é encontrada na introdução das cenas e descreve o que se passa na tela naquele momento. Essa descrição se dá de forma muito direta, com frases em geral curtas que, muitas vezes, não têm verbo.

Então, esta narrativa rápida, que não exige do leitor uma maior concentração e compreensão, possui um ritmo que se mantém para dar sentido à história. E, ainda que composta por frases curtas, têm nexos dentro do contexto. A objetividade nesses trechos possibilita que todos os leitores (especialistas de diferentes áreas técnicas - som, câmera, edição, script, atores, etc.) entendam o texto de uma forma muito coincidente para que haja uma coerência na produção coletiva.

\*\*\*

Percebemos pela descrição da estrutura dessa tipologia textual que o roteiro é tratado como um texto passageiro e com data de validade, visto que, depois de atingida sua utilidade, ele é descartado. Alguns escritores já destacaram a sua inutilidade após a existência do filme:

[...] o roteiro representa um estado transitório, uma forma passageira destinada a desaparecer, como a larva ao se transformar em borboleta. Quando o filme existe, da larva resta apenas uma pele seca, de agora em diante inútil, estritamente condenada à poeira. (BONITZER; CARRIÈRE, 1996. p. 11).

Comparato (2009, p. 29) compartilha da mesma ideia:

De maneira muito geral podemos dizer que essa forma escrita a que chamamos roteiro é algo muito efêmero. Existe durante o tempo que leva para se converter num produto audiovisual. Embora haja roteiros editados em forma de livro, atualmente até existem coleções ou sites dedicados a isso[...].

Muito embora estejamos falando sobre *roteiro cinematográfico*, na realidade cotidiana dos pesquisadores de tradução ele parece ser despercebido. Talvez por causa da sua especificidade que, conseqüentemente, faz diminuir o interesse pela sua procura, acarretando num pequeno (e seletivo) público consumidor.

Todavia, para um tradutor que está diante de um roteiro, o que é mais importante é a tradução da trama, mostrar ao futuro produtor o que é o filme. Além disso, o essencial não é somente a tradução de diálogos, e sim a construção do imaginário do leitor a partir dos diferentes sentidos solicitados (ver, ouvir e sentir). Essa é a particularidade do roteiro: ele

transmite muito mais do que uma história. É preciso pensar nos cenários, na interpretação dos atores, na iluminação, em edição, entre outros, dando as informações possíveis para a construção do filme.

Para exemplificar nosso estudo de tradução de roteiro escolhemos como *corpus* o roteiro *Se souvenir des belles choses (Se lembrar das coisas boas*<sup>3</sup>) de 2002 dirigido por Zabou Breitman traduzido por Rafaela Moreira e Paola Tavares<sup>4</sup> em janeiro de 2011.

## **2. *Se souvenir des belles choses*: a prática da tradução de roteiro**

*Se souvenir des belles choses* é um roteiro do tipo intimista, classificado como um drama, no qual os diálogos apresentados tentam representar de forma realista a maneira coloquial de falar e as dificuldades de dicção dos personagens. O filme narra a história de Claire, uma jovem que, após ser atingida por um raio, começa a sofrer de perda de memória. Por temer estar com a mesma doença da mãe, já morta, Claire se interna em uma clínica especializada em pacientes com problemas de memória. Lá ela conhece e se apaixona por Philippe, um paciente da clínica. O texto nos expõe vários personagens que apresentam problemas de memória por diferentes motivos e nos mostra as dificuldades que eles têm em se relacionar com o mundo exterior.

No que concerne aos diálogos, há o uso recorrente de vocabulário de baixo calão, gírias, interjeições e dificuldade de dicção dos personagens. Em relação à cultura, o filme retrata alguns estereótipos franceses no que diz respeito a hostilidade, piadas, história, cotidiano, etc. A narrativa direta é curta e serve para descrever o que deve ocorrer em cada cena, articulando gestos dos atores às falas e tempo/lugar às ações dos personagens.

Traduzir um roteiro não é o mesmo que traduzir um livro. Ambos carregam uma mensagem a ser transmitida, porém escritas de formas distintas, sendo o roteiro caracterizado, essencialmente, por sua coloquialidade, frases curtas e pouco complexas.

---

<sup>3</sup> Toda a tradução do roteiro *Se souvenir des belles choses* está disponível na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB) como anexo do trabalho de conclusão do curso de Letras-Tradução de Rafaela Moreira e Paola Tavares intitulado *Traduzindo a sétima arte: O roteiro de "Se souvenir des belles choses"*.

<sup>4</sup> Agradecemos Paola Tavares por nos ceder os direitos autorais de sua tradução para o presente artigo.

De início, o título da obra não apresentava dificuldade de tradução, os primeiros esboços foram literais: “*memória das coisas belas*” ou “*belas lembranças*”. No entanto, no decorrer do roteiro há uma menção à frase do título pela personagem principal, Claire. Ela a escreve em seu caderninho de anotações, como uma das coisas de que ela deve *se lembrar*: *as coisas bonitas que ela viveu*. Ora, trata-se de uma retomada do título do roteiro, e o futuro leitor chegaria à conclusão de que a cena em que essa frase aparece é uma alusão ao título:

Exemplo 1	
Texto fonte <sup>5</sup>	Tradução
CLAIRE: Ce n'est pas... ça que j'oublie. Assise sur son lit, elle ouvre son carnet et note sur la page de garde : " se souvenir des belles choses ".	CLAIRE: Não é... isso que eu esqueço. Sentada sobre a sua cama, ela abre o seu caderno e escreve na folha de rosto: “se lembrar das coisas boas”.

Desta forma, optou-se por traduzir o título por *se lembrar das coisas boas*. Todavia, sabe-se que, se esse filme fosse lançado no Brasil, passaria por uma equipe de publicitários que adaptaria o título do filme para torná-lo atraente e para induzir o telespectador a assisti-lo.

O desconhecimento cultural também influencia na tradução de roteiro. Por exemplo, o trecho a seguir mostra o quanto a limitação cultural decorrente da não vivência cotidiana do lugar da língua fonte implica numa tradução equívoca:

Exemplo 2		
Texto fonte	Tradução 1	Tradução 2
“Mais dis-donc... il y avait un Mammouth là, avant...”	Caramba...Havia um mamute ali, antes...	Caramba... Havia um Mamute ali adiante...

<sup>5</sup> Todos os exemplos do texto fonte foram retirados do roteiro *Se souvenir des belles choses* disponível em <http://www.simplyscripts.com>.



O termo *Mammouth* designa em português o animal mamífero “*Mamute*”, porém, em francês, o termo carrega outro significado: é nome de supermercado. E, por isso é apresentado no texto com letra inicial maiúscula. Na tradução, só foi possível perceber tal fato após a visualização do filme, quando Claire aponta para o mercado *Mammouth*.

Em relação às dificuldades quanto às expressões vulgares da língua francesa, há como exemplo a tradução do termo “*merde*”. Essa é uma palavra de baixo calão, cuja tradução parece ser simplesmente “merda”. No entanto quando levamos em consideração a intensidade da palavra, descobrimos que “*merde*” em francês é muito mais forte que “merda” em português. A tradução mais pertinente (e a adotada) foi “*droga*”. Ambas são usadas com frequência na fala coloquial.

A linguagem coloquial, caracterizada por expressões corriqueiras, é uma outra característica do roteiro trabalhado que representou certa dificuldade. Os diálogos são repletos de expressões idiomáticas e impregnados de aspectos específicos da cultura francesa. Seguem dois exemplos, com suas respectivas traduções:

Exemplo 3	
Texto fonte	Tradução
NATHALIE : ...en plus je ne vais peut-être pas pouvoir <i>faire le taxi</i> tous les jours...	NATHALIE: ...além do mais talvez eu não possa <i>ficar de motorista</i> todos os dias...
LICHT : “En protestant qu'il n'a " <i>pas que ça à foutre</i> " il vient quand même.”	LICHT: “Protestando que ele tem “ <i>mais o que fazer porra</i> ”, ele vai mesmo assim.”

Tais exemplos remetem à dualidade linguística que permeia o roteiro: o diálogo escrito e o diálogo falado. O diálogo representado no roteiro será lido e interpretado pelo ator que também constrói o significado do texto utilizando por vezes aspectos sociolinguísticos para obter a performance desejada da língua falada na obra fílmica. Por isso, o espectador recebe naturalmente um discurso humanizado, pré-interpretado, contendo elementos extralinguísticos que norteiam a recepção. Isso não ocorre na leitura do roteiro. Por isso é preciso naturalizar as falas.

Diversos diálogos caracterizam-se pelo tom irônico. Para se perceber essa ironia, foi preciso compreender o contexto, mas também como os personagens se relacionam na história. Além disso, segundo as tradutoras, faltou o conhecimento da linguagem coloquial cotidiana. Outro exemplo ilustra o quão informal é a escrita do roteiro:

Exemplo 4	
Texto fonte	Tradução
BONG: "... ils <i>ont du monde</i> à dîner."	BONG: "... tem <i>muita gente</i> para jantar."

Outra passagem que propôs dificuldade foi a frase mnemônica que o personagem Finkel utiliza para lembrar os nomes dos doze apóstolos de Cristo. A primeira tarefa foi encontrar os equivalentes dos nomes dos apóstolos na língua portuguesa, a segunda (e mais complexa) foi formular uma frase que exercesse a mesma função com os nomes na língua de chegada. Foi feita uma reestrutura da frase original, adaptando o vocabulário para os novos nomes. Conforme consta no exemplo abaixo:

Exemplo 5	
Texto fonte	Tradução
FINKEL : "( à Philippe ) <i>Sitôt en pyjama Jean Bart jeta le filin C'est facile : " sitôt en pyjama..." ça fait : Simon, tho-mas, an- dré, Pi-erre, alors " si-tôt en Py... ja-ma", ça fait Ja-cques le majeur et Jacques le mineur, ma thieu etc. Et comme ça tu te souviens des douze apôtres... tu verras, il n'y a pas un catho qui les connaît tous... ( il rit )</i> "	FINKEL: "(para Philippe) "Assim tão tarde em pijamas João Barto jogou o fio" É fácil: "Assim tão tarde em pijamas" dá: Si-mão, T-omé, An-dré, P-edro, agora "tão logo em pi-jamas", forma: T-iago o maior e T-iago o menor, Ma-teus etc. E assim você se lembra de todos os doze apóstolos... você vai ver, não tem um católico que saiba todos... (ele ri)"

Com este exemplo pode-se inferir que só aquele que teve contato direto e contínuo com a língua pode compreender melhor tal cena descrita no roteiro, mas a maior dificuldade no processo de tradução foi o uso do "coloquialismo", em que expressões como estas, são percebidas com a vivência no cotidiano da cultura-fonte.

Logicamente, não poderíamos deixar de mencionar que o uso da obra fílmica para direcionar a tradução de roteiro foi essencial para as análises aqui apresentadas, porém na maioria das vezes o tradutor de roteiro tem de fazer sua tarefa sem a consulta prévia deste aparato, o que dificulta ainda mais o processo de tradução de tal texto.

### **À guisa de conclusão**

A tradução do roteiro *Se souvenir des belles choses* esbarra em sua principal característica: o caráter efêmero do roteiro. Este faz repensar a real existência de um público leitor de roteiros. Ao precisarmos a receptividade desse tipo de pesquisa, batemos de frente com a limitação que esse texto nos oferece, pois não é de grande veiculação, logo, uma pequena parcela se utiliza dele. Porém o que não se sabe é que antes de o roteiro chegar ao lixo, um tradutor pode dar-lhe outra vida, numa outra língua.

Daí, mesmo sabendo que o roteiro é um documento transitório entre a ideia inicial e a sua realização, surge a dificuldade de traduzir um texto cuja estrutura micro-textual está impregnada de características da cultura-fonte, o que acarreta uma gama de pesquisas distintas em que apenas o dicionário ou outros instrumentos de pesquisa formal não responderão às dificuldades tradutórias. O auxílio de terceiros com maior familiaridade com a língua é uma ferramenta de valor nesse tipo de tradução, porém não exclui o trabalho de pesquisa cultural e sociolinguístico que requer a tradução.

Ainda não se sabe da frequência de traduções de roteiros, pois se constata uma dificuldade na busca por comentários ou depoimentos de tradutores. No entanto, pode-se premeditar o desaparecimento da tradução de roteiro em detrimento da tradução de vídeo quando sujeitos traduzem diretamente do vídeo (áudio) descartando o roteiro escrito, o que já está acontecendo hoje, especialmente quando se trata da audiodescrição.

Além disso sabe-se que o roteiro, traduzido ou não, é utilizado por diversas vezes na prática da dublagem e da legendagem (SOARES, 2002). Na prática da dublagem, segundo relata Ana Konecsni (2012) no livro *Tradução para Dublagem*, o roteiro é usado como aparato tradutório quase que simultaneamente junto com o áudio do filme para que se

realize a dublagem. Já no caso da legendagem, o roteiro serve para tirar muitas dúvidas e como de como e o que se está traduzido (SOARES, 2002).

Com as explanações feitas anteriormente percebemos o quanto o roteiro pode ser útil não somente aos realizadores de filmes, mas também aos tradutores. Além disso, estudar tal área abre novos horizontes para pesquisas acadêmicas no âmbito da tradução de multimídia e de seus agentes-produtores, e da tradução sociolinguística aplicada/utilizada em filmes e outros gêneros de roteiros feitos para serem audiovisuais.

Todavia, o presente trabalho é ainda o início de outros que poderão surgir a fim de responder questionamentos tais como: quem é o tradutor de roteiro? Quem o contrata? De onde surgiu tal profissão? Quais suas contribuições para a sociedade e os profissionais das áreas de comunicação?

Sabe-se que o Brasil é um país onde a cultura audiovisual é tanto exportada quando importada. E que tais obras – como filmes, telenovelas, obras radiofônicas, documentários, dentre outros – têm como base o roteiro. Como tais obras chegam em nossas casas? Quem as traduz? E por que traduz?

**ABSTRACT:** Considering that there has been little research so far in screenplay translation, this article aims to discuss and show the difficulties involved in the translation process of this cinematic apparatus, and propose a new look into this unknown activity. For this purpose, presents a screenplay translation *Se souvenir des belles choses* by Jean-Claude Deret and Zabou Breitman and some reflections developed from the analysis of this translation.

Keywords: Screenplay Translation, Cinema Script, Translation Practice.

## Referências

BONITZER, P.; CARRIÈRE, J-C. *Prática do roteiro cinematográfico*. Tradução de Teresa de Almeida. 3. Ed. São Paulo: JSN, 1996.

BREITMAN, Z. *Roteiro cinematográfico Se souvenir de belles choses*. Disponível em < <http://www.simplyscripts.com> > . Acesso em: 19 jan. 2013.

COMPARATO, D. *Da criação ao roteiro: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2009.

FIELD, S. *Manual do Roteiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

KONECSNI, A. C. *Tradução para dublagem*. Porto Alegre: Simplissimo, 2012.

MOREIRA, R.; TAVARES, P. *Traduzindo a sétima arte: O roteiro de "Se souvenir des belles choses"*. Brasília: (mimeo:UnB),2011.

*Se souvenir de belles choses*. Produção de BREITMAN, Zabou. França: France télévision distribuidora, 2003. DVD (130 min.).

SINNER, C. "Fictional orality in romance novels: between linguistic reality and editorial requirements". In: Jenny Brumme / Anna Espunya (Hrsg.): *The Translation of Fictive Dialogue*. Amsterdam / New York: Rodopi, 2012.

SOARES, D. *Tradução para Dublagem e Legendagem*. 2002. Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/abreartigo.asp?onde=Tradu%E7%E3o%20para%20Dublagem%20e%20Legendagem.abr>>. Acesso em 05 fev, 2013.

Data de envio: 08 de outubro de 2013.

Data de aprovação: 15 de fevereiro de 2014.

Data de publicação: 2 de abril de 2014.